

17 a 20 de outubro de 2016

GT 7 - Estilos de vida, consumo e práticas culturais

A Feira Nacional de Utilidades Domésticas e a divisão sexual do trabalho doméstico (1960).

Rafaela Cristina Martins¹ – Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Na década de 1960, surge a Feira Nacional de Utilidades Domésticas (UD), com a proposta de trazer produtos de alta tecnologia que proporcionariam eficiência e praticidade para o trabalho doméstico, a mulher seria sua principal consumidora e usuária desses produtos. A frequentadora da UD também não era qualquer mulher, eram mulheres brancas de classe média e alta.

A proposta do presente trabalho é analisar como tal evento procurava levar novas necessidades, o consumo de novos produtos e um apelo ao estilo de vida moderno, que perpassa pelas novidades tecnológicas, sem desafiar a estrutura clássica de divisão de trabalho doméstico, na qual a mulher fica encarregada do cuidado da família. A análise foi feita através de propagandas e reportagens encontradas na revista *Casa & Jardim* e no jornal *Estado de São Paulo*.

PALAVRAS-CHAVE: espaço doméstico, eletrodomésticos, gênero.

A Feira Nacional de Utilidades Domésticas, conhecida como UD, sigla para Utilidades Domésticas, aconteceu em São Paulo anualmente por vários anos, essas feiras eram realizadas pela iniciativa de Caio Alcântara Machado² e tinham o patrocínio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). A primeira UD aconteceu em abril de 1959, no parque do Ibirapuera e foi inspirada nas experiências europeias com o *Salon des Arts Ménagers* que ocorreu em Paris de 1923 até 1986.

O *Salon des Arts Ménagers* era uma grande exposição de objetos domésticos e móveis, para Monique Eleb era uma tentativa de levar modernidade a França e

¹ Doutoranda em História pela Universidade Estadual de Campinas e bolsista CAPES.

² Caio Alcântara Machado foi criador de eventos como a Fenit, o Salão do Automóvel e a UD, construtor do parque Anhembi (SP), foi o pioneiro das feiras comerciais no Brasil. Nasceu em São Paulo em 30 de abril de 1926 e graduou-se em direito pela USP. Sua atuação profissional era nas áreas de marketing e de vendas como publicitário. Em 1962 assumiu a presidência da *Folha de São Paulo*, por três meses, quando os empresários Octavio Frias de Oliveira, Carlos Caldeira Filho, Flávio Noschese e Quirino Ferreira Neto adquiriram o jornal do grupo integrado. “Veja perfil de Caio de Alcântara Machado, que morreu nesta quarta” *Folha de São Paulo*. São Paulo, 28 de ago. 2003. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u72226.shtml>. Acessado em 04/11/2016.

estimular o consumo de bens domésticos que trouxessem conforto³. As primeiras exposições serviram para oferecer uma transição entre a “sociedade da tradição” e a “sociedade do consumo”, com o crescimento das indústrias, a padronização e a grande produção de bens de consumo, as pessoas perderam o acesso direto com o produtor. O *Salon des Arts Ménagers* em princípio oferecia um modelo, de caráter educacional, para a nova forma de consumir. Segundo Martine Segalen⁴, o salão tentava passar novas regras para os hábitos das donas de casa, especialmente daquelas chamadas de “classes perigosas” do século XIX, as classes baixas. Seria uma educação dos gostos e com uma forte tendência moralizadora, a casa deveria ser melhorada para o conforto do dia-a-dia e através disso viriam novos hábitos, novas imposições. Uma dessas imposições seria o gasto do salário do chefe de família com a casa para consumir novos objetos domésticos que até então não eram vistos como necessários ou essenciais⁵. Dessa forma outras formas de despender dinheiro ficavam fora de questão, como, por exemplo, o gasto excessivo do salários em bares e botequins, locais de encontros tradicionais entre grupos de trabalhadores e operários.

Interessante fazer esse recuo sobre *Salon des Arts e Ménagers* e compreender brevemente algumas peculiaridades dessa exposição, afinal ela serviu de inspiração para a UD. Assim como o *Salon*, a Feira de Utilidades Domésticas também era essencialmente uma grande exposição de objetos domésticos produzidos no Brasil. Havia quatro categorias de expositores: utensílios domésticos, acabamentos de interior, mobiliário, decoração e eletrodomésticos. Os expositores, além de exibirem seus produtos, também explicavam planos de venda, de crédito, prazos de entrega e garantia de fábrica. O objetivo dessas feiras anuais era fazer com que os fabricantes apresentassem seus produtos estimulando o consumo⁶.

³ ELEB, M., 2011. Places, gestures and words of comfort at home. Tradução: Marcelo Tramontano. VIRUS, junho, 5. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus05/?sec=3&item=1&lang=en>. [Acessado: 10/08/2016].

⁴ Martine Segalen é uma etnóloga e socióloga francesa, especialista em família e em questões culturais.

⁵ SEGALEN, Martine. “The Salon des Arts Ménagers, 1923-1983: A French Effort to Instil the Virtues of Home and the Norms of Good Taste”. *Journal of Design History*, Vol. 7, No. 4 (1994), pp. 267-275. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1316067>. [Acessado: 10/08/2016]

⁶ As informações sobre a UD foram retiradas do livro: FARIAS, et. Al. *Eletrodomésticos, Origens, História & Design no Brasil*. Rio de Janeiro: Frahia, 2006, p. 94-95.

A inspiração no *Salon de Arts Ménagers* foi além quando em 1967 a UD expôs alguns produtos exibidos no *Salon* parisiense para oferecer uma amostra dos produtos europeus aos brasileiros, durante a exposição as “donas de casa”, frequentadoras da UD, poderiam responder uma enquete do que mais acharam interessante para que fossem fabricados igualmente no Brasil. Ou seja, não apenas inspiração para o evento em si, como também para novos produtos e necessidades de consumo em circulação na Europa. Interessante notar que no discurso do jornal *Estado de São Paulo* essa exposição dentro da UD era para ser exibida para o público em geral, porém quem responderia a enquete de interesse seriam as “donas de casa”.

As últimas novidades em utilidades domésticas exibidas no salão de “Arts Ménagers” de Paris, em março, estão agora em S. Paulo. Essas peças, contudo, ainda não são fabricadas no Brasil e não estão à venda. São apenas mostradas ao público, diariamente e servirão para um enquete entre as donas de casa, destinada a averiguar quais os produtos de maior interesse para fabricação no País.⁷

Toda esse exposição de produtos e estímulo ao consumo também demonstram como esses objetos eram vendidos na feira, eram como parte de uma outra concepção de morar, que a princípio foi chamada de moderna, mas que possui outras questões além do investimento tecnológico. O próprio ambiente que abrigava a UD, o parque do Ibirapuera, era conhecido por ser um espaço público relativamente novo na cidade de São Paulo e por conter, em suas origens e planejamento, um discurso modernizante para a cidade. Os edifícios que o parque continha serviriam para expressar o desenvolvimento e as técnicas modernas da indústria através de suas linhas e formas, assim como a UD, o Ibirapuera também possuía uma expressão de modernidade ligada ao desenvolvimento tecnológico. Segundo Maria A. do Nascimento Arruda, o parque tinha como destaque suas construções que ordenavam os usos dos espaços articulado com certo discurso funcionalista em voga que representava a modernização social.

A escolha de Niemeyer para projetar os edifícios, nome firmado nas hostes modernistas após a construção do complexo da Pampulha, praticamente inaugura a nova linguagem arquitetônica em São Paulo, no setor das construções públicas, [...]. Os edifícios do Ibirapuera projetados por Niemeyer tinham centralidade no projeto de urbanização do Parque, uma vez que este subordinava-se ao conjunto das construções e não ao contrário, tornando a concepção do espaço e da paisagem dependentes

⁷ “Veja o que há de novo para o seu lar”, *Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 abr. 1967. Suplemento Feminino, p7.

das obras arquitetônicas. Percebe-se, nesse andamento, a autonomização do projeto frente aos usos possíveis da área, visto que todo ordenamento espacial fez-se de modo a destacar os edifícios, permitindo-se afirmar a centralidade adquirida pelas concepções modernistas nesse campo e, concomitante, a presença da vertente funcionalista enquanto forma de exprimir a modernização social.⁸

Tal discurso funcionalista e moderno também estava presente na concepção de morar proposta pelos modernistas. A organização espacial da casa, a decoração, os móveis, e os aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos, cada qual teria a sua função e seriam objetos fixos dentro de um determinado cômodo da casa. Contribui para isso a falta de objetos que apresentam mais de uma finalidade ou que se destacam por serem portáteis na década de 1960. Especialmente com relação aos eletrodomésticos o atrativo e usualmente enunciado nas propagandas era o quão leves e silenciosas essas máquinas poderiam ser na maioria dos casos.

Márcia Bomfim Arruda em sua tese explora como essas características destacadas como atraentes podem ser indício do quanto aparelhos elétricos eram considerados difíceis de manusear. Se determinado liquidificador pode ser considerado silencioso, outros antes dele, ou seus concorrentes, não eram. Da mesma forma as utilidades domésticas consideradas pesadas, como ferros de passar roupa que antes de serem elétricos não eram práticos de manusear em função do seu peso.

Além do choque, os aparelhos elétricos no seu funcionamento apresentavam outros problemas. Uma leitura a contrapelo dos anúncios publicitários demonstra isso. Anunciava-se, por exemplo, que alguns liquidificadores possuíam motor “super-silente” e “alça circular” que facilitava o manejo e que enceradeiras eram silenciosas e isentas de vibrações, ou que o refrigerador Kelvinator era o primeiro a empregar um compressor suspenso como um sino, pelo sistema “mono mout” à prova de ruídos e trepidações. Os ruídos provocados pelos aparelhos elétricos incomodavam a ponto de fazer com que fossem uns dos pontos tratados nos anúncios.⁹

Ainda na década de 1960 era comum achar propagandas com apelo ao baixo ruído e menor peso das máquinas. Uma propaganda (figura 1) que anuncia produtos da General Electric como presentes, provavelmente para o dia das mães já que o anúncio está na edição do mês de maio da revista *Casa & Jardim*, coloca como atração para o *grill* automático os seguintes adjetivos “Leve, prático e elegante, liga-

⁸ ARRUDA, Maria A. do N. *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru: EDUSC, 2001. P. 85.

⁹ ARRUDA, Márcia Bomfim. *Objetos Turbulentos, Territórios Instáveis: uma história das representações dos aparelhos elétricos no espaço doméstico*, 2010. 250 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo. 2010.

se a qualquer tomada”; o ferro era também leve e a enceradeira “Silenciosa e de grande durabilidades”. O que denota que muitos aparelhos apresentavam dificuldades para serem ligados a rede elétrica, por diferenças entre plugues e tomadas, e apresentavam incômodos pelo alto ruído ou por serem pesados.



GRILL AUTOMÁTICO G-E
Leve, prático e elegante, liga-se a qualquer tomada para 6 utilíssimas aplicações: forno para sanduíches, chapa para churrascos, frigideira, torrador, fogão e grelha para "waffles". É automático e o sinal luminoso indica a temperatura.

FERRO AUTOMÁTICO G-E
Leve — o peso é substituído por melhor aproveitamento de calor. Controle automático de 5 intensidades de calor. Cabo anatômico — feito para descanso das mãos. Rebordo "poupa-botões".

ENCERADEIRA G-E
Forma elegante e funcional. Entra sob os móveis e atinge os cantos. Dois jogos de 3 escovas cada um. Cabo alto, para máxima comodidade. Capô de baquelite ou de alumínio. Silenciosa e de grande durabilidade.

Esigir G-E é um direito seu — o direito de garantir satisfação absoluta

Presentes Úteis
estudados detalhe por detalhe para proporcionar **conforto** ao seu lar

Acerte em cheio, oferecendo essas modernas e maravilhosas utilidades, garantidas pela técnica G. E. — o mais alto padrão mundial de qualidade, comprovado através de gerações.

GARANTIA EXTRA
Os produtos G-E são os únicos cuja perfeição é assegurada por Assistência Técnica direto da própria fábrica.
Nosso Mais Importante Produto é o Progresso

GENERAL ELECTRIC
General Electric S. A. — Brasil

Associação de Liberdade Mundial

Marston-215-702

Figura 1 Casa & Jardim, São Paulo, 64, p. 37, maio. 1960.

O peso dos aparelhos elétricos e suas necessidades técnicas de energia elétrica e água corrente reforçam a necessidade de dividir os cômodos da casa pelas suas funções. Sendo assim, seja por limitações no avanço científico que não permitiam eletrodomésticos mais leves e silenciosos, seja por uma tradição de fixar funções em determinados locais dentro da habitação, a casa se molda através de compartimentos que guardam funções e atividades específicas.

Em 1929, o Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) foi dedicado à moradia mínima, uma habitação que trouxesse o conforto mínimo necessário e que estivesse ao alcance das pessoas de qualquer classe social. A habitação mínima pensada serviria para o repouso e a manutenção da saúde do trabalhador e sua família, composta por espaços que regulariam hábitos saudáveis através do conforto como, por exemplo, a água encanada e a eletricidade. Essas mudanças na habitação, que favoreciam a normatização, não vinham apenas ligadas ao argumento do conforto, a casa também sofreu influências vindas do universo do trabalho. O taylorismo tinha o objetivo de diminuir o esforço de trabalho através da padronização dos movimentos do trabalhador e do ambiente planejado para o menor deslocamento possível dos empregados. Não apenas a diminuição do esforço era o enfoque, mas principalmente a aumentar a eficiência da produção. Esse modelo saiu da fábrica e foi usado em espaços domésticos, especialmente na cozinha. A maior eficiência em uma cozinha serviria para aprimorar o meio de produção e, assim como na fábrica, fazia com que o trabalhador produzisse mais em menos tempo, a proposta era especializar o trabalho doméstico e também diminuir o tempo gasto nessas tarefas.

Há uma diferença crucial quando se trata da cozinha racional e a fábrica, com relação a cozinha em geral ela é operada pela dona de casa, ao passo que a fábrica é pensada para o trabalho do operário. Existe uma marcação de gênero muito forte entre esses espaços que reafirmam a divisão sexual de trabalho no qual a mulher faz parte de um universo privado e doméstico e o homem de um universo público e do trabalho remunerado.

O livro da americana Christine Frederic, de 1915, chamado *Scientific Management in the Home* traz uma fotografia ilustrativa (figura 2) da mesa de preparação de vegetais. Nesta fotografia está uma mulher, devidamente vestida

para cozinhar, com touca e avental, utilizando a mesa para preparação de alimentos. Ao lado da foto um estudo mostra o tempo gasto em pequenas partes da preparação da comida. O apelo ao racional e o caráter técnico imputado no trabalho doméstico através das vestimentas corretas, o banco utilizado junto a uma bancada específica, ou seja, um ambiente planejado para facilitar o trabalho, apesar das grandes mudanças propostas para a cozinha a trabalhadora central nesse ambiente não muda e continua sendo a mulher. Essa separação do trabalho por gênero, aplicada até mesmo nos manuais que tinham interesse em transformar o serviço doméstico em um trabalho especializado e eficiente, denota a obrigatoriedade do trabalho doméstico para um determinado gênero, o feminino.



VEGETABLE PREPARING TABLE
Paring directly or scraping dishes into ball underneath saves soiling any surface. Slice knives, parers, graters, etc., directly above working surface. (The opening as shown is too large, should be about eight inches.)

THE LABOR-SAVING KITCHEN

33

TIME STUDY SHOWING SAVING THROUGH CORRECT GROUPING OF EQUIPMENT

- STUDY 1.
1. Walk to storage.
 2. Return from storage with small basket of potatoes, and lay on kitchen table.
 3. Walk from table to pot-closet for pot.
 4. Return from pot-closet to table, on which lay pot.
 5. Walk from table to pantry drawer for knife.
 6. Return from pantry with knife.
 7. Peel potatoes on table surface.
 8. Take pot of potatoes in hand and walk to sink.
 9. Wash potatoes and fill pot with water.
 10. Walk from sink to stove and lay pot on.
 11. Walk from stove to table, place refuse in basket.
 12. Walk from table to sink with refuse and empty same into garbage pail on floor.
 13. Take scrub cloth from sink to table, wipe up same.
 14. Return with soiled cloth and knife to sink.
 15. Wash cloth, hang up. Wash knife.
 16. Walk from sink to pantry drawer to replace knife.
 17. Walk from pantry drawer to sink to get basket.
 18. Take small basket back to storage.
 19. Return from storage.

Time consumed: 5 minutes.

- STUDY 2.
1. Walk to shelf adjacent to sink and get pot.
 2. Walk to storage, carrying pot, and fill it with potatoes.
 3. Return from storage, laying pot directly on vegetable preparing surface near sink.
 4. Pick up knife (from nail above this surface).
 5. Pare potatoes directly into pail (soiling no surface).
 6. Wash potatoes and fill pot with water.
 7. Wash and hang up knife (on nail above sink).
 8. Walk with pot and lay on stove.

Time consumed: less than 2 minutes, not counting actual peeling, which would require the same time in each case.

RÉSUMÉ:	TIME REQUIRED	NUMBER OF STEPS
Study 1	5 minutes	19 steps
2	2 minutes	8 steps

Figura 2- FREDERICK, C. *Scientific Management in the Home*, Nova Iorque, 1915, apud BULLOCK, N. First the Kitchen: Then the Façade in *Journal of Design History*, Vol. 1, No. 3/4 (1988), p. 179.

São discursos e práticas que, mesmo que sejam envoltas de uma vanguarda do saber, da tecnologia e do que pode abarcar a modernidade ainda conservam uma dinâmica doméstica centrada na família burguesa e na mulher como centro de sustentação da casa e dos cuidados da família. Os aparelhos podem ser novos, a disposição da cozinha pode ser nova, o tamanho da cozinha pode ser reduzido para diminuir o tempo do trabalho de limpeza, mas ainda sim era uma mulher usualmente retratada nesse ambiente e nessa função.

A Feira Nacional de Utilidades Domésticas também parece reforçar essa divisão sexual. A começar pela época do ano escolhida para acontecer, com exceção dos anos de 1960 e 1967, a UD ocorria entre as últimas semanas de abril e a primeira semana de maio, período próximo ao dia das mães que ocorre no segundo domingo do mês de maio. Embora fosse raro encontrar anúncios da UD ligados a figura materna, era comum encontrar nas revistas os anúncios da feira próximos a propagandas que lembravam o dia das mães. Tais propagandas muitas vezes eram de panelas elétricas, *grills*, fogões e eletrodomésticos em geral.

O apelo tecnológico também era encontrado na UD, especialmente ao procurar mostrar as principais novidades em eletrodomésticos que envolviam novas tecnologias para a produção do trabalho doméstico. O *Suplemento Feminino* do jornal *Estado de São Paulo*, não por acaso destinado as mulheres, geralmente trazia um panorama sobre a UD em cada ano. No ano de 1966 trouxe um artigo sobre a feira e o título do texto era “Uma feira aliada da mulher moderna”, com algumas imagens de cozinhas planejadas, eletrodomésticos e decoração, tudo que foi mostrado na UD. Essas imagens eram acompanhadas de textos que evidenciavam alguns detalhes das novidades, como as cozinhas que tem “economia de espaço” sem “sacrificar a comodidade do ambiente” e eletrodomésticos chamados de “máquinas ultrarrápidas”. Esse novo modo de pensar o trabalho doméstico e o consumo dos aparelhos destinados a esse serviço estavam diretamente ligados ao modo de vida de uma mulher que eles chamavam de moderna. Em uma parte do texto foi colocado como o ritmo de vida dessa “mulher moderna” seria mais acelerado o que levaria a multiplicidade de novos aparelhos e utilidades domésticas.

A primeira impressão que se tem visitando os vários “stands” é que a mulher moderna tem cada vez mais pressa. Ela procura perder o menos tempo possível e isso é comprovado pela quantidade e qualidade dos aparelhos domésticos: máquinas ultrarrápidas; supereficientes; fornos, fogão

e geladeira tudo conjugado; panelas especiais para assar e cozer em cinco minutos, confirmando as previsões sobre as condições de vida no futuro, determinadas pelo progresso técnico.¹⁰

O trecho parece explicar primeiro que o que causa a abundância de eletrodomésticos é a pressa da “mulher moderna”, mas ao final acaba colocando como esse modo de vida, acelerado e ditado pelo progresso técnico, já havia sido anunciado como a “vida no futuro”. Mais do que a eficiência no trabalho doméstico, existia um estilo de vida sendo propagandeado no texto, e os termos que o descrevem são “moderno”, “futuro”, “pressa” e o “progresso técnico”. A eficiência do trabalho doméstico poderia ter sido colocada sob outra visão aqui, poderia ser a eficiência dos aparelhos que tornam o trabalho mais fácil. É preciso frisar uma questão importante que, mesmo com todo esforço de manuais americanos e europeus, do início do século XX, em tornar o trabalho doméstico em um trabalho especializado, este não era remunerado.

É importante destacar que a desvalorização do trabalho doméstico no Brasil também está vinculada a uma questão histórica e social, porque mesmo depois da abolição a figura da criada doméstica foi mantida em muitas famílias de classe alta e média. Com as imigrações e o êxodo urbano no final do século XIX e início do século XX grande parte da população que não conseguia emprego no setor terciário trabalhava em casas de família no serviço doméstico.

Em 1914, São Paulo possuía quarenta mil “criados de servir”, aproximadamente um criado para cada dez habitantes. No Rio de Janeiro a disponibilidade era também alta. Em 1870, 71% das mulheres ativas eram criadas, o que significava 34 mil mulheres trabalhando como mucamas, pajens, amas-de-leite, cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, carregadoras de água, lavadeiras, passadeiras e costureiras. [...] Por outro lado, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, apesar do mercado favorável para se conseguir uma criada, grande parte das famílias não podia arcar com esses serviços. Uma parcela significativa, em melhores condições financeiras, possuía uma única criada.”¹¹

Donald Pierson apresentou um estudo no início dos anos 1940 que mostra como nos bairros mais luxuosos da cidade de São Paulo a grande maioria das habitações possuíam ao menos dois empregados, ao passo que as famílias dos bairros do Bexiga e da Mooca não usufruíam de nenhum desses serviços e no Canindé apenas uma família tinha um empregado doméstico.

¹⁰ “Uma feira aliada da mulher moderna”, *Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 abr. 1966. Suplemento Feminino, p. 10-11.

¹¹ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material* — São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2008, p. 248.

Nenhuma família nas amostras do Bexiga ou Moóca e somente uma em Canindé, tem empregados. Por outras palavras, entre as 100 famílias entrevistadas na área “inferior”, apenas 1% tem empregados. Em contraste, todas as 100 famílias menos uma, da área “superior”, têm empregados. As de Higienópolis têm em média mais de quatro (4,1) e possuem até 8; as do Pacaembú têm uma média de mais de dois empregados (2,4) por família e possuem até 4; as do Jardim América, uma média de mais de três empregados (3,3), e possuem até 7.¹²

Portanto, quem usufruía do serviço doméstico eram as classes mais altas que empregavam outras classes sociais, as mais pobres. Serviços como de cozinheiras, babás, e principalmente empregadas domésticas eram executados por mulheres mais pobres. De acordo com estudos mais recentes, essas trabalhadoras, além de serem desvalorizadas, também eram consideradas perigosas, a tal ponto que a secretaria de segurança de São Paulo passou a fazer registros de informações sobre as trabalhadoras domésticas. Essas questões refletem como o trabalho doméstico foi extremamente desvalorizado e pode lançar luz sobre os costumes e cultura de uma sociedade que foi escravocrata.

Em 1944 já seriam 100 mil, nas estimativas da Polícia de São Paulo (REGISTRO DOS, 1944: 427). No entanto, apesar dessa quase onipresença social, não eram incluídos nas legislações dedicadas ao mundo do trabalho, o que evidentemente os deixava muito mais vulneráveis nas relações com os patrões. A promulgação da Consolidação das Leis Trabalhistas, em 1943, apenas consagrou essa exclusão, destinada a sobreviver até a nova Constituição de 1988. Significa que o lugar legal e institucional desse grupo social sempre foi indefinido e ambíguo, entre as heranças persistentes da escravidão e os discursos e estratégias modernizadoras que obcecavam as elites brasileiras da época. Assim, os empregados domésticos transitavam na zona cinzenta que residia nas fronteiras da legalidade e ilegalidade, conformada pela indefinição entre lei e norma.¹³

Segundo pesquisas na década de 1960 96% dos trabalhadores domésticos eram do sexo feminino e 55% mulheres negras¹⁴. Importa destacar essas questões porque muitas vezes o serviço doméstico não era majoritariamente feito pela dona de casa, especialmente nas classes médias e altas, o que pode interferir no interesse desses grupos em gastar dinheiro com produtos que serão usados por

¹² PIERSON, Donald. Habitações de São Paulo: estudo comparativa. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, vol. 7, n. 81, p. 199-238, jan./fev. 1942, p. 209.

¹³ FERLA, Luis A. C. Corpos estranhos na intimidade do lar: as empregadas domésticas no Brasil da primeira metade do século XX. In: *Simpósio Nacional de História*, XXVI, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH, julho 2011, p. 3

¹⁴ GUERRA, Maria de Fátima Lage; WAJNMAN, Simone. “Tendências de retração e envelhecimento da mão de obra feminina no trabalho doméstico remunerado: a escolaridade é mesmo determinante?” in: VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2016. Foz do Iguaçu. *Anais VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. <http://187.45.187.130/~abeporgb/xxencontro/files/paper/706-748.pdf> Acessado em 04/11/2016.

suas empregadas. Como vender mais produtos em um país cuja as classes mais abastadas não estavam acostumadas e nem preocupadas com o trabalho doméstico, que era feito por mãos de mulheres das classes mais baixas, um trabalho tão pouco valorizado quanto remunerado? Como vender aparelhos caros e sofisticados que, provavelmente, deveriam ser manuseados pelas empregadas domésticas e não por seus donos diretamente? Esse talvez seja um dos motivos para enfatizar a eficiência dos eletrodomésticos, a tal ponto desses aparelhos serem comparados com empregadas.

Uma pequena nota do *Suplemento Feminino* do jornal *Estado de São Paulo* expõe como os aparelhos elétricos, apresentados pela UD, fariam os serviços domésticos mais importantes e que por isso a eletricidade seria “A melhor empregada”¹⁵. Uma alternativa de atração seria mostrar como essas máquinas podem substituir a mão-de-obra doméstica. Essa ideia que faz o trabalho parecer tão fácil a ponto de ser suprido por máquinas, que não é exclusiva do ambiente doméstico, reflete mais uma vez como esse serviço é desvalorizado. Além disso, fica claro qual o público consumidor definido para os eletrodomésticos, eram aqueles que podiam pagar uma empregada, as classes mais abastadas.

Em 1960 o *Estado de São Paulo* fez uma avaliação da primeira feira e o jornalista se mostra aborrecido com o preço dos ingressos, não pela obrigatoriedade de se pagar para usufruir da exposição, mas por achar alto o preço dos ingressos.

E [a UD] seria perfeita, se não houvesse um inconveniente. Cobram, no portão, 20 cruzeiros de entrada. Se vão pai, mãe e três filhos (adolescentes), custa-lhes 100 cruzeiros. É muito e é contraproducente. Que se cobre uma pequena importância, só para evitar a entrada de vadios, compreende-se. Mas quem deve financiar a exposição é o expositor, não o visitante.¹⁶

Em 1966 uma reportagem sobre a UD daquele ano mostra visitantes da feira observando uma máquina de lavar da *General Electric*. Aparentemente são poucos os registros na imprensa sobre a diversidade dos frequentadores da feira e essa foto parece representar quem era o público da UD e eram mulheres brancas, bem vestidas e provavelmente de classe média e alta.

¹⁵ “Utilidades Domésticas”. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 11 mai. 1962. Suplemento Feminino, p. 37.

¹⁶ “No Ibirapuera: progresso da indústria ressaltado na Feira de Utilidades Domésticas”. *Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 31, 31 mar. 1960.



Figura 3: Flashes da UD. *Casa & Jardim*, São Paulo, 136, p. 9, maio 1966.

A UD se preocupava em expor os eletrodomésticos e demonstrar sua eficácia, porém não tinha qualquer preocupação de lembrar que esses aparelhos muitas vezes poderiam ser usados pelas trabalhadoras domésticas e que a sua eficácia facilitaria esse trabalho, ao contrário, a imagem da feira e de seus expositores eram atrelados às aquelas mulheres que mais pareciam as patroas, ou seja, uma classe média e alta, branca, com poder aquisitivo mais elevado. Apesar

desse apagamento das classe pobres nas imagens de propaganda e difusão da UD, os eletrodomésticos e eletrônicos se tornaram sim objetos de desejo, e em muitos casos essa vontade de adquirir o objeto vinha acompanhada do *status quo* que tal aparelho ofereceria ao seu comprador. Para as classes mais baixas poder adquirir um novo eletrodoméstico também passava pelo desejo de se igualar as classes mais altas, isso é o que mostra o artigo de Jorgetânia da Silva Ferreira. Em uma das entrevistas feita para sua pesquisa, Ferreira mostra como a trabalhadora doméstica, Márcia, se sentiu satisfeita ao poder comprar uma bateadeira igual a de sua patroa.

Márcia desejou ter uma bateadeira igualzinha à da patroa. Seu depoimento nos remete a sua aspiração de igualdade na relação com a patroa, que ela pensa se concretizar na aquisição de equipamentos, no caso a bateadeira Arno. Destacamos também a importância que determinadas marcas de eletrodomésticos tiveram no processo de tecnificação das casas, o que significava economia de trabalho e surgimento de outras tarefas, mas também prestígio para as pessoas que conseguiam adquirir determinados produtos.¹⁷

Embora as empregadas domésticas fossem em grande número mulheres negras e elas pudessem se tornar as principais usuárias desses aparelhos elétricos tanto em suas casas, como nas casas de suas patroas, todo o empreendimento da exposição parecia não estar interessado em ver essas mulheres como consumidoras. Tal exclusão pode se relacionar com questões sociais e econômicas, como já dito anteriormente o trabalho doméstico foi desvalorizado, tanto por uma questão de gênero, já que ele é conhecido por ser realizado pelas esposas sem remuneração, como também por estar relacionado ao íntimo e a sujeira. A propagação de eletrodomésticos parece ter dado novo caráter ao que deveria ser uma habitação confortável, onde o trabalho doméstico pudesse ser feito de forma racional, mas, de acordo com seus meios de difusão, não desafiou a dinâmica dos papéis de homens e mulheres nos lares.

¹⁷ FERREIRA, Jorgetânia da Silva. Gênero, trabalho doméstico e identidades: o necessário diálogo. *Revista fato&versões*, Uberlândia, v.1, n.2, p. 17-32, 2009, p. 23.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, Maria A. do N. *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru: EDUSC, 2001.

ARRUDA, Márcia Bomfim. *Objetos Turbulentos, Territórios Instáveis: uma história das representações dos aparelhos elétricos no espaço doméstico*, 2010. 250 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo. 2010.

BULLOCK, N. First the Kitchen: Then the Façade in *Journal of Design History*, Vol. 1, No. 3/4 (1988).

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material — São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2008

ELEB, M., 2011. Places, gestures and words of comfort at home. Tradução: Marcelo Tramontano. *VIRUS*, junho, 5. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus05/?sec=3&item=1&lang=en>. [Acessado: 10/08/2016].

FARIAS, et. Al. *Eletrodomésticos, Origens, História & Design no Brasil*. Rio de Janeiro: Fraha, 2006.

FERLA, Luis A. C. Corpos estranhos na intimidade do lar: as empregadas domésticas no Brasil da primeira metade do século XX. In: *Simpósio Nacional de História*, XXVI, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH, julho 2011.

FERREIRA, Jorgetânia da Silva. Gênero, trabalho doméstico e identidades: o necessário diálogo. *Revista fato&versões*, Uberlândia, v.1, n.2, p. 17-32, 2009.

Folha de São Paulo. São Paulo, 28 de ago. 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u72226.shtml>. Acessado em 04/11/2016.

GUERRA, Maria de Fátima Lage; WAJNMAN, Simone. “Tendências de retração e envelhecimento da mão de obra feminina no trabalho doméstico remunerado: a escolaridade é mesmo determinante?” in: VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2016. Foz do Iguaçu. *Anais VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. <http://187.45.187.130/~abeporgb/xxencontro/files/paper/706-748.pdf> Acessado em 04/11/2016.

PIERSON, Donald. Habitações de São Paulo: estudo comparativa. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, vol. 7, n. 81, p. 199-238, jan./fev. 1942, p. 209.

SEGALEN, Martine. “The Salon des Arts Ménagers, 1923-1983: A French Effort to Instil the Virtues of Home and the Norms of Good Taste”. *Journal of Design History*,

Vol. 7, No. 4 (1994), pp. 267-275. Disponível em:
<http://www.jstor.org/stable/1316067>. [Acessado: 10/08/2016]

FONTES

Casa & Jardim, São Paulo, 64, p. 37, maio. 1960.

Flashes da UD. *Casa & Jardim*, São Paulo, 136, p. 9, maio 1966.

“No Ibirapuera: progresso da indústria ressaltado na Feira de Utilidades Domésticas”. *Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 31, 31 mar. 1960.

“Veja o que há de novo para o seu lar”, *Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 abr. 1967. Suplemento Feminino, p. 7.

“Uma feira aliada da mulher moderna”, *Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 abr. 1966. Suplemento Feminino, p 10-11.

“Utilidades Domésticas”. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 11 mai. 1962. Suplemento Feminino, p. 37.